



## **4.º CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE ENGENHARIA CIVIL**

15 de março de 2013 | Palácio da Bolsa | Porto

### Intervenção do Bastonário da Ordem dos Engenheiros, Eng. Carlos Matias Ramos

(Cumprimentos Iniciais)

Permitam-me enviar um cumprimento muito afetuoso a todos os participantes no Congresso que, na sequência da sua participação no 4.º Encontro das Associações Profissionais de Engenheiros Civis dos Países de Língua Oficial Portuguesa e Castelhana, se deslocaram de diversos países e que nos prestigiaram com a Vossa presença.

É nossa convicção que a Vossa presença constitui o entendimento de que os nossos problemas têm uma base comum e que as línguas e as culturas que nos unem, o Português e o Castelhana, possibilitando a sua mais fácil discussão e difusão desses problemas, justificam a certeza de que entre nós não há fronteiras, nem alfândegas do pensamento, quando se trata da defesa de uma Engenharia de qualidade ao serviço dos nossos países.

As dificuldades que possamos ter na compreensão de alguns termos ditos por um Engenheiro falante em Português ou por um Engenheiro de língua Castelhana são suplantadas pela vontade que nos une na procura de soluções que nos permitam valorizar o que nos é comum, num espaço geopolítico com afinidades culturais, económicas, sociais e linguísticas, na melhoria das relações entre as nossas associações profissionais e no cumprimento da nossa missão ao serviço da Sociedade.

Desde o século XIX que a Engenharia Civil se afirmou como vanguarda da satisfação das necessidades básicas das populações, revolucionando os modos de vida.

Desde o desenvolvimento dos caminhos-de-ferro, passando pela construção de estradas, de pontes e de portos, de barragens, das redes de abastecimento de água, de saneamento e de rega, até à produção, transporte e distribuição de energia elétrica, às comunicações,



à proteção das pessoas contra os acidentes naturais e tecnológicos, às tecnologias de informação, são inúmeras as obras e soluções de Engenharia Civil que transformaram o mundo, graças à capacidade dos Engenheiros, que assumiram um papel inquestionável na melhoria das condições de vida.

A realização deste Congresso acontece num período em que um número significativo de países que têm como língua mãe o Português e o Castelhana, integrando o universo de mais de 630 milhões de habitantes, vive transformações profundas nas suas bases económicas e financeiras, nos seus modelos de desenvolvimento, no aproveitamento dos seus recursos, nas suas políticas administrativas e nas suas estruturas sociais.

Com a sua realização, pretendemos estimular, simultaneamente, uma reflexão sobre o passado próximo da Engenharia Civil nos nossos países e um debate sobre as linhas de ação futura, quer na atividade profissional dos Engenheiros Civis, quer na sua contribuição para o progresso económico e social dos países cujas associações profissionais de Engenharia participam ativamente neste Congresso.

Pretende-se, igualmente, salientar a necessidade do reforço da participação da Engenharia na procura de soluções para os problemas emergentes nos nossos países, face aos constrangimentos da sustentabilidade na utilização e aproveitamento dos recursos disponíveis, numa preocupação de, em simultâneo, identificar medidas que melhorem o acesso dos setores sociais – Estado, empresas e particulares – aos serviços prestados pelos Engenheiros.

A dinâmica socioeconómica atualmente registada em muitos destes países, com elevadas taxas de crescimento, sinaliza o potencial de atividade para os Engenheiros. Esta dinâmica, materializada em Planos de Desenvolvimento, potencia a transformação das realidades ainda existentes de desequilíbrios sociais, de carências das populações, da necessidade de garantia de satisfação das suas necessidades básicas, seja em termos de infraestruturção, seja ao nível da sua segurança e conforto.

A Engenharia Civil tem-se constituído como uma aliada determinante nos processos de avanço das sociedades e das economias e um recurso estratégico ao serviço das populações e dos países.



O desenvolvimento da Engenharia tem dois objetivos fundamentais: facilitar a vida das pessoas, no sentido de lhes proporcionar o maior bem-estar, e garantir a sua segurança e dos seus bens.

Considera-se, por isso, da maior relevância consolidar um processo de melhor conhecimento das realidades das atividades profissionais em cada um dos países integrantes do Conselho das Associações Profissionais de Engenheiros Cíveis de Língua Oficial Portuguesa e Castelhana, no sentido de estabelecer mecanismos de cooperação impulsionadores de avaliação das competências profissionais e dos sistemas de mobilidade dos Engenheiros Cíveis no universo destes países.

O programa deste Congresso foi estruturado na perspetiva de mobilizar as sinergias existentes nas associações profissionais de Engenharia Civil dos países Ibero-americanos, valorizando o incontroverso contributo que estas associações profissionais podem dar no reforço da capacidade técnico-científica e na dignificação da ética e da deontologia dos seus membros.

Daí termos considerado no Programa temas como o reconhecimento do Engenheiro Civil na sociedade, estratégias políticas para o desenvolvimento no setor da construção dos países Ibero-americanos, as habilitações, competências e qualificação profissional do Engenheiro Civil e o exercício da profissão de Engenheiro Civil nos países de língua Portuguesa e Castelhana.

A Engenharia não tem fronteiras e, por isso, um Engenheiro pode desenvolver o seu trabalho em qualquer país.

Permito-me referir, no caso dos Países de Língua Portuguesa, as origens frequentemente comuns de formação académica e profissional de Engenheiros e a natural aproximação dos nossos povos, resultante de um passado histórico e de uma língua comum.

É o caso de Angola, do Brasil, de Cabo Verde, da Guiné, de Moçambique, de São Tomé e Príncipe, de Timor e de Macau

A internacionalização da Engenharia portuguesa não é de agora. Refiro, a título de exemplo, no caso do Brasil, a obra emblemática referente à intervenção pioneira, com estudo e projeto de Engenheiros portugueses, realizada na década de 60 do século passado, e que possibilitou o alargamento em 90m da Praia de Copacabana.



Mas há diversos casos em que a Engenharia portuguesa esteve e está presente em diversos países de língua Castelhana.

A Engenharia é discreta na valorização e na divulgação do seu trabalho e, por isso, por vezes as suas obras de maior complexidade nem sempre são devidamente consideradas pela sociedade.

A incorporação dos avanços científicos e tecnológicos, como base de desenvolvimento das sociedades modernas, consubstancia o âmbito da Engenharia que, desta forma, se constitui como um recurso estratégico dessas sociedades e que, conseqüentemente, tem de ser devidamente valorizado.

A sua função “civilizadora” reside no papel determinante para o desenvolvimento do progresso material e social, aproximando os homens e as coisas ao serviço da comunidade, para dar mais valor à vida. É, no essencial, uma profissão de confiança pública.

A Engenharia é, no entanto, como a saúde: só lhe damos valor quando a perdemos.

Todos estamos convictos que os Engenheiros desempenham um papel importante numa nova sociedade mais eficaz, assente na realidade de uma economia não virtual, que se traduza em “pôr os pés na terra”, assumindo um papel determinante no regresso da sociedade à economia real.

Acreditamos, e por isso nos temos batido, que o saber e a competência em Engenharia e tecnologia são a chave para a modernização da nossa Sociedade, fornecendo o “arsenal” adequado na luta contra as crises económicas e contra situações que potenciem a desvalorização das competências e a desregulação no exercício da profissão de Engenheiro, profissão de confiança pública.

Estamos aptos para, com o nosso conhecimento e a nossa capacidade técnica, contribuir para as mudanças que terão de acontecer. Queremos ser agentes ativos na construção da nossa economia, logo dos nossos países.

Muito obrigado pela Vossa atenção.